

MINIDOSSIÊ #169

FINANÇAS

por **CARLOS NETTO**



LEIA AGORA! >



DOSSIÊ#169 | CONTEÚDO AMPLIADO

Os minidossiês desta edição ampliam a discussão com um olhar aprofundado sobre tecnologias brasileiras aplicadas à **saúde, economia limpa, agro e finanças.**

> CONFIRA TODOS AQUI

MINIDOSSIÊ 169 FINANÇAS

O PIX ABRIU PORTAS QUE ABRIRÃO MAIS PORTAS

A tokenização da economia é a nova onda de revolução e é bastante ampla. E trata-se de mais uma oportunidade histórica para o Brasil se destacar

por CARLOS NETTO



O mundo financeiro vive um momento de transformação sem precedentes. Se nos últimos 30 anos a digitalização dos serviços bancários revolucionou a maneira como interagimos com o dinheiro, hoje estamos presenciando a segunda onda: a tokenização da economia. Essa revolução vai muito além dos meios de pagamento, atingindo desde o turismo até os mercados de capitais globais.

O Brasil, que se destacou no cenário internacional ao implementar o Pix, tem agora uma nova oportunidade histórica de liderar. Só que, se não agir com rapidez, pode perder espaço em um mundo que caminha para um sistema financeiro cada vez mais sem fronteiras.

O SUCESSO DO PIX E A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA EM INOVAÇÃO FINANCEIRA

Nos últimos cinco anos, o Brasil foi referência global em meios de pagamento digitais graças ao Pix. O sistema do Banco Central não apenas transformou a experiência de pessoas físicas e jurídicas, mas também serviu de inspiração para outros países, que passaram a estudar ou implementar soluções semelhantes.

A grande inovação do Pix foi democratizar pagamentos instantâneos, reduzindo custos e criando eficiência. O surgimento de fintechs promissoras veio na esteira. A experiência mostrou que, quando há visão regulatória, coragem institucional e apoio tecnológico, o Brasil é capaz de ditar tendências.

Esse histórico fortalece a posição do País para enfrentar a próxima fase: a tokenização dos ativos financeiros e não financeiros.

A REGULAMENTAÇÃO AMERICANA E O GENIUS ACT

Enquanto o Brasil brilhou no campo dos pagamentos instantâneos, os Estados Unidos deram um passo decisivo na direção da tokenização financeira com a aprovação do Genius Act. Essa lei regulamentou as stablecoins – moedas digitais atreladas a moedas fiduciárias como o dólar.

O Genius Act estabeleceu regras de lastro rigorosas, determinando que cada unidade de USDC, por exemplo, deve estar respaldada por um dólar em caixa ou por títulos da dívida pública de altíssima liquidez. Mais do que isso, em caso de falência da emissora, os detentores de stablecoins têm prioridade absoluta na recuperação dos recursos – antes mesmo dos credores tradicionais.

Esse marco regulatório não apenas trouxe segurança ao mercado, mas também consolidou as stablecoins americanas como o novo padrão de moeda digital global, favorecendo a dominância do dólar no mundo e reduzindo a pressão sobre a dívida americana.

O QUE SÃO STABLECOINS E POR QUE SÃO RELEVANTES

Stablecoins são ativos digitais que mantêm paridade com moedas fiduciárias. O USDC e o USDT

LINHA DO TEMPO

INOVAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL

2013

Lei das Instituições de Pagamento



2020

Lançamento do Pix



2021-2022

Open Banking e Open Finance



2023-2024

Debates sobre stablecoins



2025

Regulamentação de tokens e stablecoins no Brasil (previsão)

são exemplos baseados no dólar americano. A grande vantagem está na estabilidade de valor, já que, diferentemente do Bitcoin ou do Ethereum, não sofrem grandes oscilações.

Em termos práticos:

- 1 USDC = 1 USD (com pequenas variações de mercado, mas valor fixo quando adquirido do emissor).
- Liquidez quase instantânea: transferências em segundos e com custos irrisórios.
- Registro em blockchain: toda transação é transparente e verificável.

Ou seja, stablecoins unem o melhor dos dois mundos: a estabilidade do dinheiro tradicional e a eficiência da tecnologia blockchain.

O BRASIL E A REGULAMENTAÇÃO DAS STABLECOINS

Até o final deste ano, o Banco Central do Brasil deve lançar a regulamentação das stablecoins, colocando o País entre os primeiros do mundo a avançar nesse campo. Será mais um grande marco do Banco Central do Brasil, reforçando sua reputação de vanguarda regulatória, que já foi consolidada com o Pix e o open banking.

No entanto, é preciso ir além. O esforço não pode se restringir apenas ao Banco Central.

O esforço não pode se restringir apenas ao Banco Central. Outros reguladores devem agir com a mesma velocidade para estruturar um arcabouço legal

Outros reguladores devem agir com a mesma velocidade para estruturar um arcabouço legal que permita:

1. Ofertas públicas de tokens regulamentadas.
2. Acesso global a ações tokenizadas de empresas brasileiras, replicando no blockchain o mesmo efeito que hoje existe com ADRs (American Depositary Receipts) negociados nas bolsas dos EUA.
3. Captação internacional de recursos para a dívida pública brasileira por meio de títulos tokenizados, fragmentados e acessíveis a investidores de qualquer parte do mundo, na forma de stablecoins pareadas com o real.

Essa inovação pode reduzir o custo da dívida nacional, ao ampliar o leque de compradores e democratizar o acesso aos nossos papéis, sem necessariamente dolarizá-los. Os títulos tokenizados podem ser emitidos e pagos em alguma stablecoin baseada no real, eliminando o risco cambial e fortalecendo a moeda brasileira.

APLICAÇÕES PRÁTICAS DAS STABLECOINS

Ao menos três tipos de aplicações são fáceis de visualizar:

1. Turismo internacional

Imagine um turista brasileiro que viaja aos Estados Unidos ou outro país. Ao invés de comprar dólares evitando se expor a variações cambiais durante a viagem, ele pode adquirir USDC antes de embarcar. Por meio de cartões pré-pagos conectados

ao blockchain, suas despesas são debitadas automaticamente em USDC, com total transparência e sem surpresas.

2. Agronegócio e comércio exterior

Empresas brasileiras do agronegócio enfrentam dificuldades para abrir contas bancárias no exterior, o que compromete sua eficiência em contratos de câmbio. Com stablecoins, essas companhias podem manter parte de sua tesouraria em USDC, pagando fornecedores internacionais de maneira instantânea e barata, convertendo para reais apenas quando necessário.

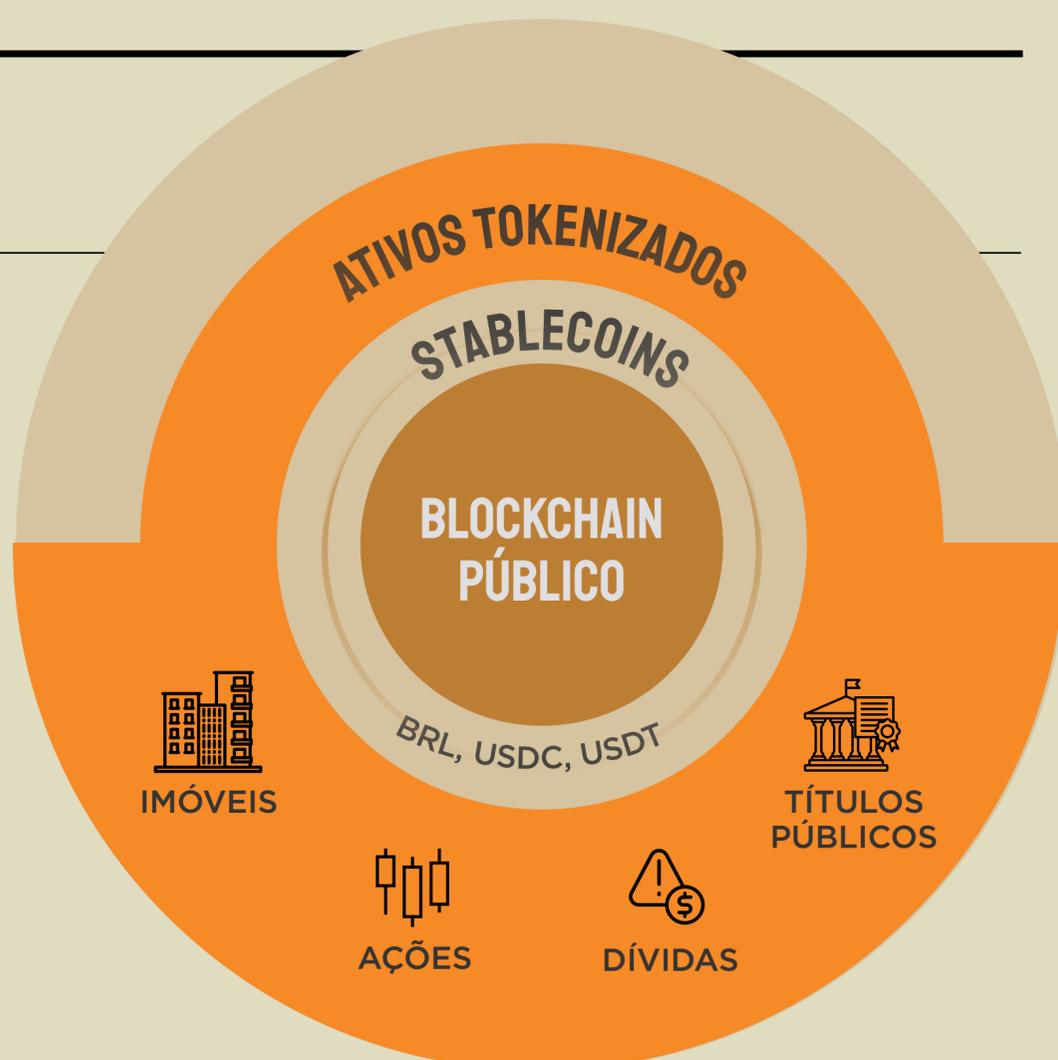
3. Eficiência de pagamentos

Enquanto transferências internacionais tradicionais podem levar dias e custar dezenas de dólares, uma transação em USDC é concluída em segundos com

ECOSSISTEMA DA TOKENIZAÇÃO

APLICAÇÕES PRÁTICAS

- Turismo
- Comércio exterior
- Mercado financeiro



custo inferior a 1 centavo. Essa eficiência tem potencial de transformar por completo a logística financeira de pequenas e grandes empresas.

O PAPEL DOS BLOCKCHAINS MODERNOS

Durante anos, o Bitcoin mostrou ao mundo o poder do blockchain como reserva de valor. No entanto, a rede Bitcoin é lenta e cara para ser usada em pagamentos cotidianos. Hoje, blockchains modernos – como Ethereum (em sua versão otimizada), Solana, Avalanche e outros – permitem transações em massa, com baixíssimo custo e altíssima velocidade.

Isso abriu espaço para que stablecoins se tornassem, de fato, o meio de pagamento digital do futuro.

O MUNDO TOKENIZADO: DE DINHEIRO A ATIVOS REAIS

A tokenização vai muito além das moedas estáveis. O futuro aponta para um mercado em que praticamente tudo pode ser representado por tokens:

- **Tokens de ações:** participação em empresas acessível de maneira fracionada e global.
- **Tokens de imóveis:** frações de propriedades que podem ser negociadas como ativos líquidos.
- **Tokens de dívidas e fundos:** instrumentos financeiros distribuídos sem fronteiras.

Não é necessário reinventar a roda. Basta permitir que as contas de pagamento possam ter seus saldos tokenizados em blockchain público

- **Tokens governamentais:** títulos públicos emitidos em blockchain, com liquidez internacional.

Nesse cenário, a ideia de transação “cross border” perde o sentido. Viveremos em um mundo borderless, onde capital, investimentos e pagamentos circulam livremente em redes globais.

ESTABILIDADE MONETÁRIA E EMISSÃO DE MOEDA

Um dos maiores ganhos da criação de uma stablecoin brasileira seria a capacidade de internacionalizar o real sem gerar inflação interna. Se empresas, fundos e indivíduos em todo o mundo pudessem transacionar e investir em tokens lastreados em real, estaríamos espalhando nossa base monetária globalmente.

Isso abriria espaço para o País emitir mais moeda, sem necessariamente pressionar os preços internos, já que parte relevante dessa liquidez estaria sendo absorvida pelo mercado global.

A BASE LEGAL JÁ EXISTE

O Brasil já tem uma sólida base legal para avançar. A Lei das Instituições de Pagamento, com mais de 10 anos de vigência, já estabelece que o saldo do correntista deve estar lastreado na proporção 1:1 – exatamente como prevê o Genius Act americano.

Ou seja, não é necessário reinventar a roda. Basta permitir que as contas de pagamento possam ter seus saldos tokenizados em blockchain público. O arcabouço está pronto: precisamos apenas da coragem política e regulatória para dar o próximo passo.

O RISCO DE O BRASIL FICAR PARA TRÁS

Se o Brasil não se adaptar a essa nova realidade, corre o risco de ver o real perder relevância no cenário internacional. Enquanto outros países criam stablecoins locais e emitem títulos tokenizados, o Brasil ainda discute regulações que, em alguns casos, tratam ativos digitais como ameaças.

É fundamental que o País adote medidas rápidas e corajosas:

1. Legalizar stablecoins brasileiras (BRL tokenizado) em blockchains públicos.
2. Autorizar a emissão de títulos públicos tokenizados, negociáveis globalmente.
3. Estabelecer regras claras e seguras para empresas fintechs que atuem no setor.
4. Incentivar a integração do sistema bancário com soluções tokenizadas, replicando o sucesso do Pix.

Sem isso, o Brasil pode se tornar dependente de moedas digitais estrangeiras, perdendo autonomia econômica.

RACIONALIZAÇÃO DO SOFTWARE FINANCEIRO

Um outro benefício da tokenização é a racionalização do software utilizado pelas instituições financeiras. Hoje, o sistema é fragmentado: existe o controle de saldo em conta corrente, em conta corretora, de posições em CDBs por

A tokenização também vai racionalizar o software utilizado pelas instituições financeiras

TECNOLOGIAS CITADAS

PAGAMENTOS DIGITAIS E SISTEMAS FINANCEIROS

- Pix > pagamentos instantâneos, democratização do acesso e redução de custos.
- Open banking > integração do sistema financeiro.

STABLECOINS

- **USDC e USDT:** stablecoins atreladas ao dólar.
- **Stablecoin brasileira (BRL tokenizado):** proposta futura.
- **Cartões pré-pagos conectados ao blockchain** para uso em turismo internacional.

BLOCKCHAIN E TOKENIZAÇÃO

- **Blockchain** como base tecnológica das stablecoins e tokens.
- **Blockchains modernos** Ethereum (otimizado), Solana, Avalanche e outros (baixa latência, baixo custo, escalabilidade).
- **Tokens de ativos reais:**
 - Tokens de ações
 - Tokens de imóveis
 - Tokens de dívidas e fundos
 - Tokens governamentais (títulos públicos tokenizados)
- **Ledger unificado de alta performance:** para controle em tempo real de saldos e ativos, substituindo sistemas fragmentados.

cliente, de debêntures, de ações, de cotas de fundos de investimento, entre outros.

Todos esses sistemas têm algo em comum: controlam saldos. Além disso, cada um desempenha funções específicas – como calcular o valor da cota de um fundo, atualizar a curva de um CDB ou registrar operações na B3.

Embora o controle de saldo pareça trivial, ele pode ser extremamente complexo em larga escala. É relativamente simples calcular a valorização de um CDB, mas é um grande desafio operacional controlar automaticamente os saldos de milhões de clientes em tempo real – especialmente em bancos com dezenas de milhões de contas.

A tokenização simplifica radicalmente essa lógica. Se tudo passa a ser representado por tokens, basta um único ledger [registro] especializado de alta performance para documentar a posição de cada cliente em cada ativo. Caso um CDB se valorize, o token correspondente se valoriza automaticamente, sem necessidade de ajustes manuais ou atualizações em múltiplos sistemas.

Essa unificação pode reduzir dezenas de softwares paralelos a uma única camada de controle de posições em tokens. Trata-se de um benefício que, embora menos estratégico do que a possibilidade de internacionalizar o real via stablecoins sem gerar inflação, ainda assim representa um ganho de eficiência e simplificação tecnológica de enorme relevância para o sistema financeiro.

NÃO É MAIS HIPÓTESE

A tokenização da economia não é mais uma hipótese distante – é uma realidade em expansão acelerada. O Pix mostrou ao mundo que o Brasil sabe inovar. Agora, diante do avanço das stablecoins e da consolidação dos blockchains modernos, temos a chance de nos colocar novamente na vanguarda.

A alternativa é perigosa: se não agirmos, o real pode perder protagonismo, e o Brasil ficará condenado a ser apenas consumidor das inovações globais, sem voz ativa em seu desenho.

O futuro definitivamente já começou na área financeira. E o Brasil, que saiu na frente (com o Pix e suas fintechs), não pode perder a leva de oportunidades que ele nos traz. ∞



CARLOS NETTO

Fundador e CEO
da Matera.